

Clássicos - Ateneu Proletário Galego - Lenine

A guerra de guerrilhas



Liçons de Moscovo

Preço – 1€

ateneuproletario.wordpress.com

ateneuproletariogalego@gmail.com

Índice

Apresentaçom	4
A guerra de guerrilhas	5
Liçons de Moscovo	17

Edita: Ateneu Proletário Galego , Maio de 2015

Apresentaçom

Disponibilizamos dous textos de Lenine publicados em 1906 que nos parecem fundamentais para achegarmo-nos ao tema dos métodos de luta, que devem ser estudados polos destacamentos comunistas de todo o mundo e, como nom, tamém da Galiza.

Nestes dous textos lenine analisa criticamente a experiência histórica real e concreta da revoluçom de 1905, empregando o método Marxista.

As circunstâncias históricas concretas da revoluçom russa de 1905, que tivo continuidade ate a derrota do proletariado russo em 1907, som radicalmente diferentes às atuais. A Rússia daquela época era um estado de tipo feudal, a maior parte da sua povoaçom estava formada por camponesas que tinham que trabalhar as terras da igreja e entregar parte da sua colheita à aristocracia local. Mas esta sociedade feudal entra em contacto com as grandes fábricas de capitais estrangeiros e com umha burguesia media em forte

crescimento. Da mesma maneira que chegava a Rússia a influência tecnológica estrangeira, tamém irrompiam as novas conceiçoms políticas. A tranformaçom desta sociedade feudal em capitalista topava com as barreiras das leis do estado feudal, o que em essa época dava-lhe às grandes massas que formam o povo trabalhador russo umha clara tendência espontânea à revoluçom democrático-burguesa. Foi neste contexto histórico que o Partido Social-Demócrata Russo tinha no seu programa a criaçom dumha Assembleia Consciente e a criaçom dum parlamento, dumha democracia-burguesa.

Na Rússia de Lenine o passo dumha revoluçom democrático-burguesa a umha revoluçom proletária eram umha realidade, mas nas sociedades atuais umha revoluçom burguesa é totalmente impossível, porque a sua época histórica há tempo que caducou.

O mais importante do planteamento de Lenine é a sua

perspicácia para ver entre a ampla mobilização revolucionária espontânea das massas às práticas mais importantes, mais avançadas. Os elementos políticos práticos que junto com o elemento da consciência, devem ser sistematizados por o destacamento, ou o partido e o movimento. Lenine aprende da experiência prática concreta das massas até transforma-la no conhecimento consciente capaz de guiar a política revolucionária do proletariado.

O feito de que as sociedades e os atuais estados não sejam estados feudais faz que uma insurreição não possa destruí-los. Mas isto não nos deve deixar de ressaltar duas características do método de Lenine. Por um lado aprender com flexibilidade das lutas práticas das próprias massas. Por outro lado ressaltar a necessidade de elaborar e introduzir primeiro entre a vanguarda e depois nas próprias grandes massas a teoria revolucionária, como imprescindível base para construção do movimento revolucionário consciente.

A guerra de guerrilhas

I

Começamos pelo princípio. Quais são as exigências fundamentais que qualquer marxista deve apresentar ao exame da questão das formas de luta? Em primeiro lugar, o marxismo distingue-se de todas as formas primitivas de socialismo pelo facto de não ligar o movimento a qualquer forma determinada e única de luta. Admite as mais diferentes formas de luta, e ademais não as “inventa”, mas apenas generaliza, organiza, dá consciência àquelas formas de luta das classes revolucionárias que aparecem por si mesmas no curso do movimento. Absolutamente hostil a todas as fórmulas abstractas, a todas as receitas doutrinárias, o marxismo exige uma atitude atenta em

relaçom à luta de massas em curso, a qual, co desenvolvimento do movimento, co crescimento da consciência das massas, coa agudizaçom das crises económicas e políticas, gera métodos sempre novos e cada vez mais diversos de defesa e de ataque. Por isso o marxismo nom renuncia absolutamente a nengumhas das formas de luta. O marxismo nom se limita em nengum caso às formas de luta possíveis e existentes apenas num dado momento, reconhecendo a inevitabilidade de novas formas de luta, desconhecidas dos participantes do período dado, coa modificaçom da conjuntura social dada. O marxismo neste aspecto aprende, se assi o podemos dizer, coa prática das massas, longe da pretensom de ensinar às massas formas de luta inventadas por “sistematizadores” de gabinete. Nós sabemos (dizia, por exemplo, Kautsky, ao analisar as formas da revoluçom social) que a crise futura traerá-nos novas formas de luta que nós nom podemos prever agora.

Em segundo lugar, o marxismo exige um exame absolutamente histórico da questom das formas de luta. Colocar esta questom fora da situaçom histórica concreta significa nom compreender o abc do materialismo dialético.

Em diferentes momentos da evoluçom económic, dependendo das diferentes condiçoms políticas, nacionais-culturais, de vida, etc., diferentes formas de luta passam para primeiro plano, tornam-se as principais formas de luta, e, em ligaçom com isto, modificam-se também as formas secundárias, acessórias, de luta. Tentar responder cum si ou nom a questom da utilizaçom de um determinado meio de luta, sem examinar detalhadamente a situaçom concreta do movimento dado no grau dado do seu desenvolvimento, significa abandonar completamente o terreno do marxismo.

Tais som as duas proposiçoms teóricas fundamentais polas quais devemos guiar-nos. A história do marxismo na Europa ocidental dá-nos umha infinidade de exemplos que confirmam o que foi dito. A social-democracia europeia considerou em dado momento o parlamentarismo e o movimento sindical como formas principais de luta, reconheceu a insurreiçom no

passado e está plenamente disposta a reconhecê-la, com a modificação da conjuntura, no futuro (apesar da opinião dos burgueses liberais, como os democratas-constitucionalistas e os sem-título russos). A social-democracia negava nos anos 70 do século XIX a greve geral como panaceia social, como meio de derrubar de imediato a burguesia por via política, mas a social-democracia reconhece plenamente a greve política de massas (sobretudo depois da experiência da Rússia em 1905) como um dos meios de luta, indispensável, em certas condições. A social-democracia, que reconhecia a luta de barricadas nas ruas nos anos 40 do século XIX, e rejeitava-a em base a determinados dados no fim do século XIX, declarou a sua plena disposição de rever esta última opinião e de reconhecer a conveniência da luta de barricadas depois da experiência de Moscova, que avançou, segundo as palavras de K. Kautsky, uma nova tática de barricadas.

II

Depois de assentar as proposições gerais do marxismo, passemos à revolução russa. Lembremos o desenvolvimento histórico das formas de luta por ela avançadas. Primeiro, greves económicas dos operários (1896-1900); depois, manifestações políticas dos operários e estudantes (1901-1902); revoltas camponesas (1902); começo das greves políticas de massas em diferentes combinações com manifestações (Rostov 1902, greves do Verom de 1903, 9 de Janeiro de 1905); a greve política em toda a Rússia com casos locais de luta de barricadas (Outubro de 1905); luta massiva de barricadas e insurreição armada (1905, Dezembro); luta parlamentar pacífica (Abril-Junho de 1906); insurreições militares parciais (Junho de 1905-Julho de 1906); insurreições camponesas parciais (Outono de 1905-Outono de 1906).

Tal é a situação no Outono de 1906 do ponto de vista das formas de luta. A forma de luta “de resposta” da autocracia é

o pogromo das centúrias negras, a começar em Kichiniov na Primavera de 1903 e a acabar em Sedlets no Outono de 1906. Em todo este período a organização de pogromos cem-negristas e das matanças de judeus, estudantes, revolucionários, operários conscientes, aumenta cada vez mais, aperfeiçoa-se, combinando as violências das tropas cem-negristas coa violência de umha gentilha comprada, indo até a utilização de artilharia em cidades e aldeias, fundindo-se com expedições punitivas, comboios de repressom, etc.

Tal é o fundo geral do quadro. Sobre este fundo destaca-se (evidentemente como algo particular, secundário, auxiliar) o fenómeno a cujo estudo e apreciação é dedicado o presente artigo. Que representa este fenómeno? quais som as suas formas? as suas causas? quando surgiu e qual o seu grau de difusom? o seu significado no curso geral da revolução? a sua relação coa luta da classe obreira organizada e dirigida pola social-democracia? Tais som as questões às quais devemos agora passar depois de traçar o fundo geral do quadro.

O fenómeno que nos interessa é a luta armada. Ela é sostida por pessoas isoladas e por pequenos grupos de pessoas. Em parte eles pertencem a organizações revolucionárias, em parte (em algumas localidades da Rússia a maior parte) nom pertencem a qualquer organização revolucionária. A luta armada persegue dous objetivos diferentes, que é necessário distinguir rigorosamente um do outro; a saber, esta luta propom-se, em primeiro lugar, matar pessoas isoladas, chefes e subordinados do serviço militar-policial; em segundo lugar, a confiscação de meios monetários tanto do governo como de pessoas particulares. Os meios confiscados vam em parte para o partido, em parte especialmente para armamento e para a preparação da insurreiçom, em parte para a manutenção das pessoas que travam a luta por nós caracterizada. As grandes expropriações (a do Cáucaso, de mais de 200.000 rublos; a de Moscou, de 875 000 rublos) foram precisamente para os partidos revolucionários em

primeiro lugar; as pequenas expropriações valem antes de mais, e por vezes inteiramente, para a manutenção dos “expropriadores”. Esta forma de luta indubitavelmente só teve um amplo desenvolvimento e difusão em 1906, isto é, depois da insurreição de Dezembro. A agudização da crise política até o nível da luta armada, e particularmente a agudização da miséria, da fome e do desemprego nos campos e nas cidades, desempenharam um grande papel entre as causas que provocaram a luta que estamos a descrever. Adoptaram esta forma de luta, como forma preferencial e mesmo exclusiva de luta social, os vagabundos, os lumpemproletários e os grupos anarquistas. Como forma de luta “de resposta” por parte da autocracia devemos considerar o estado de sítio, a mobilização de novas tropas, os pogromos das centúrias negras (Sedlets), os tribunais militares.

III

A apreciação habitual da luta que estamos a examinar reduz-se ao seguinte: isto é anarquismo, blanquismo, o velho terrorismo, acções de indivíduos separados das massas, que desmoralizam a classe obreira, afastam deles vastos círculos da população, desorganizam o movimento e prejudicam a revolução. Encontram-se facilmente exemplos que confirmam esta apreciação nos acontecimentos relatados cada dia nos jornais.

Mas serão esses exemplos convincentes? Para verificar isto, tomemos o lugar com maior desenvolvimento da forma de luta que estamos a examinar: o Território Letão. Eis como se queixa da actividade da social-democracia letã o jornal *Nóvoe Vremia* (de 9 e 12 de Setembro). O Partido Operário Social-Democrata Letão (parte do POSDR) publica regularmente 30.000 exemplares do seu jornal. Na seção oficial publicam-se listas de confidentes, cuja liquidação é dever de cada pessoa honesta. Aqueles que colaboram coa

polícia som declarados “inimigos da revolução” e devem ser executados, respondendo ademais cos seus bens. Os sociais-democratas instruem a população para só entregar dinheiro ao partido se se lhes entrega um recibo carimbado. No último relatório do partido, entre os 48.000 rublos de ingressos num ano figuram 5.600 rublos da seção de Libava (1) para armamento, obtidos através de expropriação. O Nóvoe Vremia fica fora de si, é claro, com esta “legislação revolucionária”, com este “governo terrível”.

Ninguém se decidirá a chamar anarquismo, blanquismo, terrorismo a esta atividade dos sociais-democratas letons. Mas porquê? Porque aqui é clara a ligação entre a nova forma de luta e a insurreição que houve em Dezembro e que amadurece de novo. Aplicada a toda a Rússia, esta ligação não é tam claramente visível, mas existe. Som incontestáveis a difusão da luta de “guerrilhas” precisamente depois de Dezembro e a sua ligação coa agudização da crise não só económica mas também política. O velho terrorismo russo foi obra do intelectual conspirador: agora a luta de guerrilhas é travada, regra geral, pela obreira dum grupo de combate ou simplesmente pela obreira desempregada. Blanquismo e anarquismo vam facilmente à cabeça das pessoas inclinadas aos clichés, mas na situação de insurreição, tam clara no Território Leton, salta aos olhos que estas etiquetas aprendidas de cor não servem.

Pelo exemplo dos letons vê-se claramente que é completamente incorreta, não científica e não histórica a análise, tam habitual entre nós, da guerra de guerrilhas sem a ligar à situação de insurreição. É preciso ter em atenção esta situação, meditar nas particularidades do período intermédio entre os grandes actos da insurreição, é preciso compreender quais as formas de luta que então se geram inevitavelmente, e não escapar-se com um par de palavras aprendidas de cor, iguais nos democratas-constitucionalistas e nos novo-vremistas: anarquismo, roubo, tunantes!

Dim: as acções de guerrilhas desorganizam o nosso trabalho. Apliquemos este juízo à situação depois de Dezembro de

1905, à época dos pogromos das centúrias negras e do estado de sítio. Que é que desorganiza mais o movimento em tal época: a ausência de resistência ou a luta de guerrilhas organizada? Comparai a Rússia central coa sua periferia ocidental, coa Polônia e o Território Letom. É indubitável que a luta de guerrilhas está muito mais amplamente difundida e mais desenvolvida na periferia ocidental. E é igualmente indubitável que o movimento revolucionário em geral e o movimento social-democrata em particular estão mais desorganizados na Rússia central do que na sua periferia ocidental. Naturalmente que nom nos passa pola cabeça concluir daqui que o movimento social-democrata polaco e letom estão menos desorganizados graças à guerra de guerrilhas. Nom. A única cousa que daqui decorre é que a guerra de guerrilhas nom tem culpa da desorganização do movimento operário social-democrata na Rússia de 1906.

Aqui refere-se nom raramente a particularidade das condições nacionais. Mas esta referência trai de modo particularmente claro a fraqueza da argumentação corrente. Se a questom está nas condições nacionais, entom a questom nom está no anarquismo, no blanquismo, no terrorismo (pecados comuns a toda a Rússia e mesmo especialmente russos), mas nalgo diferente. Analisai esta outra cousa concretamente, senhores! Veredes entom que a opressom ou o antagonismo nacionais nada explicam, porque eles existiram sempre nas periferias ocidentais, mas só um período histórico dado gerou a luta de guerrilhas. Há muitos lugares onde há opressom e antagonismo nacionais mas nom há luta de guerrilhas, que se desenvolve por vezes sem qualquer opressom nacional. A análise concreta do problema mostrará que a questom nom está na opressom nacional mas nas condições da insurreiçom. A luta de guerrilhas é umha forma inevitável de luta numha altura em que o movimento de massas já chegou de facto ao ponto da insurreiçom, e quando surgem intervalos mais ou menos grandes entre as “grandes batalhas” da guerra civil.

Nom som as açõs de guerrilhas que desorganizam o

movimento mas si a fraqueza do partido, que nom sabe tomar em maõ estas açõs. Ê por isso que os anátemas habituais entre nós, russos, contra as açõs de guerrilhas se combinam com açõs de guerrilhas secretas, ocasionais e nom organizadas que realmente desorganizam o partido. Incapazes de compreender quais as condiçõs históricas que causam esta luta, somos tamém incapazes de paralisar os seus lados negativos. E no entanto a luta prossegue. Provocam-na poderosas causas económicãs e políticas. Nom está nas nossas forças eliminar estas causas e eliminar esta luta. As nossas queixas da luta de guerrilhas som queixas da nossa fraqueza partidária em matéria de insurreiçom.

O que dixemos sobre a desorganizaçom aplica-se tamem à desmoralizaçom. O que desmoraliza nom é a guerra de guerrilhas mas a falta de organizaçom, a falta de ordem e o carácter sem-partido das açõs de guerrilhas. As condenas e maldiçõs em relaçom às açõs das guerrilhas nom nos livrarãm um pouco sequer desta incontestável

desmoralizaçom, porque estas condenas e maldiçõs som absolutamente incapazes de deter um fenómeno suscitado por profundas causas económicãs e políticas. Objetarãm: se somos incapazes de deter um fenómeno anormal e desmoralizador, isso nom é argumento para que o partido passe a meios de luta anormais e desmoralizadores. Mas tal objeçom seria puramente liberal-burguesa e nom marxista, porque um marxista nom pode considerar em geral anormal e desmoralizadora a guerra civil ou a guerra de guerrilhas, como umha das suas formas. Um marxista coloca-se no terreno da luta de classes e nom da paz social. Em certos períodos de crises económicãs e políticas agudas, a luta de classes desenvolve-se até o nível de umha guerra civil direta, isto é, de umha luta armada entre duas partes do povo. Nesses períodos um marxista é obrigado a colocar-se no ponto de vista da guerra civil. Qualquer condena moral dela é totalmente inadmissível do ponto de vista do marxismo.

Na época da guerra civil o ideal do partido do proletariado é um partido combatente. Isto é absolutamente indiscutível.

Admitimos plenamente que do ponto de vista da guerra civil se poda fundamentar e provar a inadequação destas ou daquelas formas de guerra civil neste ou naquele momento. Reconhecemos plenamente a crítica das diferentes formas da guerra civil do ponto de vista da adequação militar e estamos absolutamente de acordo que o voto decisivo nesta questom pertence aos militantes activos sociais-democratas de cada localidade. Mas em nome dos princípios do marxismo exigimos absolutamente que nom se eluda a análise das condições da guerra civil com frases feitas e trivialidades sobre o anarquismo, o blanquismo, o terrorismo; que os meios insensatos empregados na guerra de guerrilhas por certa organização do Partido Socialista de Polónia em certo momento nom sejam usados como espantinho a propósito da questom da própria participação dos sociais-democratas na guerra de guerrilhas em geral.

É preciso ter umha atitude crítica em relação aos comentários sobre a desorganização do movimento por causa da guerra de guerrilhas. Todas as novas formas de luta, ligadas a novos perigos e novos sacrifícios, “desorganizam” inevitavelmente as organizações nom preparadas para essa nova forma de luta. A passagem à agitação desorganizou os nossos velhos círculos de propagandistas. A passagem às manifestações desorganizou posteriormente os nossos comités. Todas as acções militares em qualquer guerra introduzem umha certa desorganização nas fileiras dos combatentes. Nom se pode concluir daqui que nom se deve combater. É preciso concluir daqui que é preciso aprender a combater. Só isso e mais nada.

Quando vejo sociais-democratas que declaram altivamente e cheios de si: “nós nom somos anarquistas, ladrons, assaltantes, somos superiores a isso, rejeitamos a guerra de guerrilhas”, entom pergunto a mim próprio: entenderá esta gente o que di? Tenhem lugar em todo o país escaramuças e embates armados do governo cem-negrista coa população. Este fenómeno é absolutamente inevitável no actual grau de desenvolvimento da revolução. A população, espontânea e

desorganizadamente (e precisamente por isso muitas vezes em formas infelizes e negativas), reage a este fenómeno também com escaramuças e ataques armados. Compreendo que nós, devido à fraqueza e falta de preparação da nossa organização, podemos renunciar num determinado lugar e momento à direção pelo partido desta luta espontânea. Compreendo que esta questão deve ser resolvida pelos militantes activos locais, que a remodelação das organizações fracas e sem preparação não é uma coisa fácil. Mas quando eu vejo num teórico ou num publicista da social-democracia não um sentimento de tristeza por esta falta de preparação mas uma alta presunção e uma repetição narcisisticamente maravilhada de frases aprendidas de cor na primeira juventude sobre o anarquismo, o blanquismo, o terrorismo, então magoa-me o rebaixamento da doutrina mais revolucionária do mundo.

Dim: a guerra de guerrilhas aproxima o proletariado consciente de bêbedos e vagabundos degradados. É verdade. Mas daqui decorre apenas que o partido do proletariado nunca pode considerar a guerra de guerrilhas como o único ou mesmo como o principal meio de luta; que este meio deve ser subordinado a outros, deve estar em conformidade com os meios principais de luta, enobrecido pela influência esclarecedora e organizadora do socialismo. E, sem esta última condição, todos, decididamente todos os meios de luta na sociedade burguesa aproximam o proletariado de diferentes camadas não proletárias acima e abaixo dele e, sendo deixados ao curso espontâneo das coisas, se deterioram, se pervertem, se prostituem. As greves deixadas ao curso espontâneo das coisas são pervertidas e transformadas em “Alliances”, acordos dos obreiros com os patrões contra os consumidores. O parlamento é pervertido e transformado em bordel onde uma banda de politiquês burgueses negocia por grosso e a retalho a “liberdade do povo”, o “liberalismo”, a “democracia”, o republicanismo, o anticlericalismo, o socialismo e todas as outras mercadorias à venda. Um jornal é pervertido e transformado em alcoviteira

barata, em instrumento de depravaçom das massas, de lisonja grosseira dos mais baixos instintos da turba, etc. etc. A social-democracia nom conhece meios universais de luta, meios que separem com umha muralha chinesa o proletariado das camadas que estãm um pouco por riba ou um pouco abaixo del. A social-democracia aplica, em diferentes épocas, diferentes procedimentos, rodeando sempre a sua applicaçom de condiçons ideológicas e organizativas rigorosamente determinadas (2).

IV

As formas de luta na revoluçom russa distinguem-se pola sua gigantesca variedade em comparaçom coas revoluçons burguesas da Europa. Kautsky previu parcialmente isto ao dizer em 1902 que a revoluçom futura seria nom tanto umha luta do povo contra o governo como umha luta entre duas partes do povo. Na Rússia vemos, de forma incontestável, um desenvolvimento mais amplo desta segunda luta do que nas revoluçons burguesas do Ocidente. Os inimigos da nossa revoluçom entre o povo som pouco numerosos, mas coa agudizaçom da luta eles organizam-se cada vez mais e recebem o apoio das camadas reacionárias da burguesia. É por isso perfeitamente natural e inevitável que em tal época, na época das greves políticas de todo o povo, a insurreiçom nom poda manifestar-se na velha forma de actos isolados, limitados por um intervalo de tempo mui curto e por umha área mui pequena. É perfeitamente natural e inevitável que a insurreiçom assuma as formas mais elevadas e complexas de umha guerra civil prolongada e que abarque todo o país, isto é, de umha luta armada entre duas partes do povo. Nom se pode conceber essa guerra senom como umha série de algumas grandes batalhas, separadas por intervalos de tempo relativamente grandes, e umha quantidade de pequenas escaramuças no decurso destes intervalos. Umha vez que é assi (e é indubitavelmente assi), a social-democracia tem necessariamente que colocar como a sua tarefa criar organizaçons que sejam capazes na maior medida de dirigir

as massas tanto nestas grandes batalhas como, no possível, nestas pequenas escaramuças. A social-democracia, na época da luta de classes que se agudizou até a guerra civil, tem que colocar como a sua tarefa nom só participar mas tamém desempenhar um papel dirigente nesta guerra civil. A social-democracia tem que educar e preparar as suas organizaçõs para que elas actuem realmente como parte beligerante que nom perde nem umha só ocasiom de causar dano às forças do inimigo.

É umha tarefa difícil, nom se pode negar. Nom se pode resolvê-la de repente. Tal como todo o povo se reeduca e aprende na luta no decurso da guerra civil, assim tamém as nossas organizaçõs tenhem que ser educadas, tenhem que ser reconstruídas, na base dos dados da experiência, para cumprir esta tarefa.

Nom temos a menor pretensom de impor aos militantes activos qualquer forma inventada de luta ou mesmo de resolver nos gabinetes a questom do papel destas ou daquelas formas da guerra de guerrilhas na marcha geral da guerra civil na Rússia. Longe de nós a ideia de ver numha forma concreta destas ou daquelas açõs de guerrilhas umha questom de tendência na social-democracia. Mas vemos a nossa tarefa em contribuir, na medida das nossas forças, para umha apreciaçom teórica correta das novas formas de luta avançadas pola vida; em lutar implacavelmente contra as rotinas e os preconceitos que impedem as operárias conscientes colocar corretamente umha questom nova e difícil e de abordar corretamente a sua soluçom.

Notas:

(1) Hoje Liepaia, na Letónia

(2) Os sociais-democratas bolcheviques som freqüentemente acusados de umha atitude irreflexiva e parcial em relaçom às açõs de guerrilhas. Nom é por isso impróprio lembrar que no projeto de resoluçom sobre as açõs de guerrilhas (n.º 2 do Partínie Izsvéstia 151 e relatório de Lenine sobre o

congresso) a parte dos bolcheviques que as defende apresentou as seguintes condições para o seu reconhecimento: as expropriações de propriedade privadas não eram admitidas de modo nenhum; as expropriações de propriedade do Estado não eram recomendadas mas apenas admitidas com a condição de o partido as controlar e de os meios serem dirigidos para as necessidades da insurreição. As ações de guerrilhas sob a forma de terror eram recomendadas contra funcionários brutais do governo e membros ativos das centúrias negras, mas com as seguintes condições: 1) ter em conta o estado de espírito das amplas massas; 2) ter em atenção as condições do movimento operário da localidade dada; 3) velar por que as forças do proletariado não sejam dissipadas em vão. A diferença prática entre este projeto e a resolução que foi aprovada no Congresso de Unificação consiste exclusivamente em que não são admitidas expropriações de propriedade do Estado.

Lições de Moscovo

O livro Moscovo em dezembro de 1905 (M. 1906) não podia ter saído com maior oportunidade. Uma tarefa vital do partido operário é assimilar a experiência da insurreição de dezembro. É de lamentar que este livro seja uma barreira de mel com uma colher de alcatrão: o material é extremamente interessante, apesar de incompleto, mas as conclusões são incrivelmente superficiais, incrivelmente vulgares. Destas conclusões falaremos à parte(1), por agora voltaremos à questão política atual, às lições da insurreição de Moscovo.

As formas principais do movimento de dezembro em Moscovo foram a greve pacífica e as manifestações. A enorme maioria da massa operária participou ativamente apenas nestas duas formas de luta. Mas precisamente a ação de dezembro em Moscovo demonstrou com evidência que a greve geral, como

forma independente e principal de luta, se tornou obsoleta e que o movimento ultrapassa, com umha força espontânea e irresistível, este quadro estreito e gera a forma suprema da luta, a insurreiçom.

Todos os partidos revolucionários, todos os sindicatos de Moscovo, ao declarar a greve, tinham consciência e até mesmo sentiam a inevitabilidade da sua transformaçom em insurreiçom. O Soviete dos Deputados Operários decidiu em 6 de dezembro «esforçar-se por transformar a greve em insurreiçom armada». Mas, de facto, nengumha das organizaçoms estava preparada para isso, mesmo o Conselho de coligaçom dos grupos de combate [N273] falava (em 9 de dezembro!) de insurreiçom como de algo distante, e a luta de rua passava indubitavelmente por cima da sua cabeça e sem a sua participaçom. As organizaçoms atrasaram-se em relaçom ao crescimento e à envergadura do movimento.

A greve ia-se transformando em insurreiçom, antes de mais, sob a pressom das condiçoms objetivas, criadas depois de outubro [N274]. Já nom era possível surpreender o governo por meio de umha greve geral, ele já organizara a contrarrevoluçom, preparada para açoms militares. Tanto o curso geral da revoluçom russa depois de outubro como a sucessom dos acontecimentos em Moscovo nas jornadas de dezembro confirmaram de modo admirável umha das profundas teses de Marx: a revoluçom avança porque cria umha contrarrevoluçom forte e unida, ou seja, obriga o inimigo a recorrer a meios de defesa cada vez mais extremos e elabora assim meios de ataque cada vez mais poderosos [N275].

7 e 8 de dezembro: greve pacífica, manifestaçoms pacíficas de massas, 8 de dezembro à noite: cerco do Aquário [N276]. 9, durante o dia: os dragonss carregam contra a multidude na Praça Strastnáia. À noite, esmagamento da casa de Fídlar [N277]. A exaltaçom cresce. A multidude nom organizada das

ruas começa a erguer de modo completamente espontâneo e ainda insegura-mente as primeiras barricadas.

10: a artilharia abre fogo contra as barricadas e contra a multidude das ruas. A construçom de barricadas torna-se umha açom decidida, nom isolada, mas indubitavelmente de massas. Toda a populaçom está nas ruas; toda a cidade se cobre de umha rede de barricadas nos principais centros. Durante vários dias desenvolve-se umha tenaz luta de guerrilhas entre os grupos de combate e as tropas, luta que esgota os soldados e obriga Dubássov a implorar reforços. Só em 15 de dezembro as forças governamentais conseguem umha preponderância decisiva, e a 17 o regimento Semiónovski [N278] esmaga o bairro de Présnia, último baluarte da insurreiçom.

Da greve e das manifestaçoms às barricadas isoladas. Das barricadas isoladas à construçom em massa de barricadas e à luta de ruas contra as tropas. Por cima da cabeça das organizaçoms, a luta proletária de massas passou da greve à insurreiçom. É nisso que reside a grande aquisiçom histórica da revoluçom russa, alcançada em dezembro de 1905, aquisiçom alcançada, como todas as precedentes, à custa de sacrifícios imensos. Da greve política geral o movimento elevou-se a um grau superior. Forçou a reaçom a ir até ao fim na sua resistênciã, aproximando assim em proporçoms gigantescas o momento em que a revoluçom tamém irá até ao fim no emprego dos meios ofensivos. A reaçom nom pode ir mais além do que arrasar com artilharia as barricadas, as casas e a multidude das ruas. A revoluçom pode ainda ir mais além do que os grupos de combate de Moscovo, pode ir muito, muito mais além, tanto em amplitude como em profundidade. E a revoluçom avançou muito desde dezembro. A base da crise revolucionária tornou-se incomensuravelmente mais ampla; agora é preciso afiar mais a lâmina.

Assim, nom há nada mais míope do que o ponto de vista de

Plekhánov retomado por todos os oportunistas, de que nom se devia começar esta greve inoportuna, de que «nom se devia ter pegado em armas». Polo contrário, o que era preciso era pegar em armas mais decidida, enérgica e ofensivamente, o que era preciso era explicar às massas a impossibilidade de umha greve puramente pacífica e a necessidade de umha luta armada intrépida e implacável. E agora devemos, por fim, reconhecer abertamente e proclamar bem alto a insuficiência das greves políticas, devemos fazer agitação nas mais amplas massas pola insurreiçom armada, sem esconder esta questom por meio de nengum «grau preliminar», sem a encobrir com nengum véu. Esconder das massas a necessidade de umha guerra desesperada, sangrenta e encarniçada, como tarefa imediata da açom próxima, significa enganar-se tanto a si próprio como ao povo.

Tal é a primeira liçom dos acontecimentos de dezembro. Outra liçom diz respeito ao carácter da insurreiçom, à maneira de a realizar, às condiçoms da passagem das tropas para o lado do povo. Na asa direita do nosso partido está fortemente difundido um ponto de vista extremamente unilateral sobre esta passagem. nom se pode, diz-se, lutar contra tropas modernas, é preciso que as tropas se tornem revolucionárias. Ê evidente que se a revoluçom nom se tornar de massas e nom ganhar as próprias tropas, nem se pode falar de umha luta séria. Ê evidente que o trabalho nas tropas é necessário. Mas nom se pode imaginar esta passagem das tropas como um ato simples e isolado, resultante da persuasom, por um lado, e da consciência, por outro. A insurreiçom de Moscovo mostra-nos com evidência como esta conceçom é esteriopada e estéril. Na realidade, a vacilaçom das tropas, que todo o movimento verdadeiramente popular

implica inevitavelmente, conduz, quando a luta revolucionária se agudiza, a umha verdadeira luta polas tropas. A insurreiçom de Moscovo mostra-nos exatamente a mais implacável e a mais encarniçada luta da reaçom e da

revoluçom polas tropas. O próprio Dubássov declarou que, dos 15 mil homens das tropas de Moscovo, só 5 mil eram de confiança. O governo procurava conter os vacilantes polas medidas mais variadas e mais desesperadas: procuravam convencê-los, adulavam-nos, subornavam-nos distribuindo-lhes relógios, dinheiro, etc, embebedavam-nos com aguardente, enganavam-nos, aterrorizavam-nos, encerravam-nos nos quartéis, desarmavam-nos e tiravam das suas fileiras à traiçom e pola violênciã os soldados considerados como os mais inseguros. E é preciso ter a coragem de reconhecer franca e abertamente que neste aspeto nós ficãmos atrás do governo. nom soubemos utilizar as forças de que dispúnhamos para umha luita tam ativa, audaz, com espírito de iniciativa e de ofensiva polas tropas vacilantes como a que conduziu e levou a cabo com êxito o governo. Dedicãmo-nos e dedicar-nos-emos ainda mais tenazmente a «trabalhar» ideologicamente as tropas. Mas seremos uns tristes pedantes se esquecermos que no momento da insurreiçom é necessãria tamém umha luita física polo exército.

O proletariado de Moscovo deu-nos nas jornadas de dezembro admirãveis liçons de «trabalho» ideológico nas tropas; por exemplo, a 8 de dezembro na Praça Strastnáia quando a multitude cercou os cossacos misturou com eles, confraternizou com eles e persuadiu-os a voltar para trás. Ou no dia 10, em Présnia, quando duas jovens obreiras, que levavam umha bandeira vermelha numha multitude de 10 000 pessoas, se lançaram ao encontro dos cossacos gritando: «Matai-nos! Vivas nom entregaremos a bandeira!» E os cossacos confundiram-se e deram meia volta sob os gritos da multitude: «Vivam os cossacos!» Estes exemplos de coragem e de heroísmo devem ficar gravados para sempre na consciênciã do proletariado.

Mas eis exemplos do nosso atraso em relaçom a Dubássov. No dia 9 de dezembro pola rua Bolcháia Serpukhovskáia marchavam soldados cantando a Marselhesa a fim de se

juntarem aos insurretos. Os obreiros enviam-lhes delegados. Malákhov galopa desesperadamente para eles. Os obreiros chegaram demasiado tarde, Malákhov chega a tempo. Pronunciou um discurso ardente, fez vacilar os soldados, cercou-os com os dragons, levou-os para os quartéis e fechou-os ali. Malákhov chegou a tempo, mas nós nom, apesar de por nosso apelo se terem sublevado em dois dias 150 000 homens, que teriam podido e devido organizar um serviço de patrulhas nas ruas. Malákhov fez cercar os soldados com os dragons, mas nós nom cercámos os Malákhov com homens armados de bombas. Nós teríamos podido e devido fazer isso e há já muito a imprensa social-democrata (o velho Iskra) indicava que em tempo de insurreiçom o nosso dever era exterminar implacaveimente os chefes civis e militares. O que aconteceu na rua Bolcháia Serpukhovskáia repetiu-se, polos vistos, em grandes linhas, em frente dos quartéis Nesvíjskie e Krutítskie, e nas tentativas do proletariado de «imobilizar» o regimento de Ekaterinoslav, no envio de delegados aos sapadores em Alexándrov, no regresso da artilharia de Rostóv que tinha sido enviada contra Moscovo e no desarmamento dos sapadores em Kolomna e assim por diante. No momento da insurreiçom nom estivemos à altura da nossa tarefa na luta polas tropas vacilantes.

Dezembro confirmou com evidência outra profunda tese de Marx esquecida polos oportunistas, a saber, que a insurreiçom é umha arte e a principal regra desta arte é a ofensiva ilimitadamente audaz, inquebrantavelmente decidida [N279]. nom assimilámos suficientemente esta verdade. Nós próprios nom aprendemos suficientemente e nom ensinámos suficientemente às massas esta arte, esta regra da ofensiva a todo o custo. Temos agora que reparar com toda a energia esta falta. nom basta agrupar-se pola atitude em relaçom às palavras de ordem políticas, é indispensável agrupar-se também pola atitude em relaçom à insurreiçom armada. Quem estiver contra, quem nom se preparar para ela, deve ser impiedosamente expulso do número dos partidários da revoluçom, expulso para o campo dos seus inimigos, dos

traidores ou dos cobardes, pois aproxima-se o dia em que a força dos acontecimentos, em que as circunstâncias da luta nos obrigará a distinguir os inimigos e os amigos seguindo este critério. Não é a passividade que nós devemos pregar, não é a simples «espera» do momento em que as tropas «se passaram»; não, nós devemos tocar todos os sinos, proclamando a necessidade de uma ofensiva audaciosa e de um ataque de armas na mão, a necessidade de exterminar ao mesmo tempo os chefes e de lutar do modo mais enérgico pelas tropas vacilantes.

A terceira grande lição que Moscovo nos deu refere-se à tática e à organização das forças para a insurreição. A tática militar depende do nível da técnica militar — Engels mastigou esta verdade e meteu-a na boca dos marxistas [N280]. A técnica militar de hoje não é a mesma que em meados do século XIX. Opor a multidão à artilharia e defender as barricadas com revólver seria uma estupidez.

E Kautsky tinha razão ao escrever que já é tempo de se rever, depois de Moscovo, as conclusões de Engels, e que Moscovo fez aparecer uma «nova tática de barricadas». Esta tática era a tática da guerra de guerrilhas. A organização que tal tática condicionava eram destacamentos móveis e extraordinariamente pequenos: grupos de dez, três e até mesmo dois. Entre nós pode-se encontrar agora com frequência socialistas-democratas que dão risinhos quando se fala de grupos de cinco ou de três. Mas os risinhos não são mais do que um meio barato de fechar os olhos perante esta nova questão da tática e da organização, levantada pela luta de rua, dada a técnica militar moderna. Lede atentamente o relato da insurreição de Moscovo, senhores, e compreenderéis que relação têm os «grupos de cinco» com a questão da «nova tática de barricadas».

Moscovo fez-na aparecer, mas está longe de a ter desenvolvido, está longe de a ter aplicado em proporções verdadeiramente amplas, verdadeiramente de massas. Os membros dos grupos

eram pouco numerosos, a massa obreira nom tinha recebido a palavra de ordem de ataques audaciosos e nom a aplicou, o carácter dos destacamentos guerrilheiros era demasiado uniforme, as suas armas e os seus métodos eram insuficientes, a sua capacidade de dirigir a multitude era pouco desenvolvida. Temos que reparar todo isso e repará-lo-emos, aprendendo com a experiência de Moscovo, difundindo essa experiência entre as massas, despertando a iniciativa criadora das próprias massas no desenvolvimento desta experiência. E a guerra de guerrilhas, o terror de massas, que se desenvolve por toda a parte na Rússia quase ininterruptamente depois de dezembro, ajudaram indubitavelmente a ensinar às massas a tática acertada no fomento da insurreiçom. A social-democracia deve reconhecer e integrar na sua tática este terror de massas, naturalmente organizando-o e controlando-o, subordinando-o aos interesses e condições do movimento operário e da luta revolucionária geral, eliminando e cortando implacavelmente a deformaçom «bandoleira» desta guerra de guerrilhas, com a qual acabaram tam magnífica e implacavelmente os moscovitas durante as jornadas da insurreiçom e os letons durante as jornadas das famosas repúblicas letãs [N281].

técnica militar deu nos últimos tempos novos passos em frente. A guerra japonesa fez aparecer a granada de mão. As fábricas de armas lançaram no mercado a espingarda automática. Tanto umha como outra já som empregadas com êxito na revoluçom russa, mas em proporçoms que estam longe de serem suficientes. Nós podemos e devemos aproveitar-nos do aperfeiçoamento da técnica, ensinar os destacamentos obreiros a fabricar bombas em massa, ajudá-los assim como aos nossos grupos de combate a fazer reservas de explosivos, detonadores e espingardas automáticas. Se a massa operária participar na insurreiçom na cidade, se se atacar em massa o inimigo, se se lutar decidida e habilmente polas tropas que vacilam ainda mais depois da Duma, depois de Sveaborg e Cronstadt [N282], se

estiver garantida a participação do campo na luta comum a vitória será nossa na próxima insurreiçom armada em toda a Rússia!

Desenvolvamos pois mais amplamente o nosso trabalho e definamos com mais audácia as nossas tarefas, assimilando as liçons das grandes jornadas da revoluçom russa. Na base do nosso trabalho está umha apreciaçom exata dos interesses das classes e das necessidades do desenvolvimento de todo o povo no momento atual. Em torno da palavra de ordem de derrubamento do poder tsarista e de convocaçom da assembleia constituinte por um governo revolucionário nós agrupamos e agruparemos umha parte cada vez maior do proletariado, do campesinato e das tropas. O desenvolvimento da consciência das massas continua a ser, como sempre, a base e o conteúdo principal de todo o nosso trabalho. Mas nom esqueçamos que, nos momentos como o que atravessa a Rússia, a esta tarefa geral, constante e essencial se juntam tarefas particulares, especiais. nom nos tornemos pedantes e filisteus, nom nos esquivemos a estas tarefas particulares do momento, a estas tarefas especiais das formas atuais de luta, com referências ocas aos nossos deveres constantes e imutáveis em qualquer tempo e em quaisquer condiçoms.

Lembremo-nos que se aproxima a grande luta de massas. Será a insurreiçom armada. Ela deve ser, na medida do possível, simultânea. As massas devem saber que se lançam a umha luta armada implacável e sangrenta. O desprezo pola morte deve ser difundido entre as massas e ser assegurada a vitória. A ofensiva contra o inimigo deve ser da maior energia; ataque, e nom defesa, deve ser a palavra de ordem das massas, o aniquilamento implacável do inimigo será a sua tarefa; a organizaçom da luta tornar-se-á móvel e flexível; os elementos vacilantes das tropas seram arrastados para a luta ativa. O partido do proletariado consciente deve cumprir o seu dever nesta grande luta.

Notas

(1) Ver V. I. Lénine, Obras Completas, 5.a ed. em russo, t. 13, pp. 388-392. (N. Ed.)

Notas de fim de Tomo:

[N273] O Conselho de coligação dos grupos de combate surgiu em Moscovo nos fins de outubro de 1905. Inicialmente criado para umha luta prática contra os cem-negros, este orgao subsistiu até à insurreiçom de dezembro. A maioria socialista-revolucionária e menchevique do Conselho de coligação dos grupos de combate introduzia a desorganizaçom na sua atividade; nos dias da insurreiçom armada de dezembro, o Conselho dos grupos de combate foi a reboque dos acontecimentos revolucionários e nom soube desempenhar o papel de estado-maior operacional da insurreiçom.

[N274] Trata-se da greve política geral que se iniciou por decisom do Comité do POSDR de Moscovo. A 7 (20) de outubro eclodiu umha greve no caminho de ferro Moscovo-Kazán. Estendeu-se rapidamente a todos os centros industriais e transformou-se numha greve de toda a Rússia. O número de grevistas ultrapassou dois milhons. A greve de outubro realizou-se sob a palavra de ordem do derrubamento da autocracia, do boicote ativo à Duma de Bulíguine, da convocaçom da Assembleia Constituinte e do estabelecimento da república democrática.

[N275] V. I. Lénine cita umha tese da obra de K. Marx As luitas de Classes em França de 1848 a 1850.

[N276] Na tarde de 8 (21) de dezembro de 1905 os soldados e a polícia cercaram o jardim «Aquário» (na praça Sadovo-Triumfálnaia), onde, naquele momento, no edificio de um teatro, decorria um comício muito concorrido. Conseguiu-se evitar o derramamento de sangue graças às açons abnegadas dum grupo de combate operário que assegurava a defesa do

comício; os assistentes que tinham armas tiveram a oportunidade de escapar por umha paliçada derrubada, mas os demais participantes do comício que saíram pola porta principal foram revistados e espancados e muitos deles foram presos.

[N277] O edifício da escola de Fídler (perto da rua Tchístie prudí) era um lugar permanente de comícios e reuniões do partido. Na noite de 9 (22) de dezembro de 1905 a casa de Fídler, onde na altura decorria um comício, foi cercada pola tropa. Depois de os assistentes, entre os quais predominavam os membros dos grupos de combate, se terem recusado a render-se e se terem barricado no local, a tropa submeteu o edifício ao fogo de artilharia e metralhadoras; foram mortas e feridas mais de 30 pessoas e presas 120.

[N278] O regimento Semiónovski da guarda foi enviado em 1905 de Petersburgo a Moscovo para esmagar a insurreiçom dos operários de Moscovo.

[N279] Trata-se da obra revoluçom e contrarrevoluçom na Alemanha, escrita por F. Engels. Foi publicada em 1851-1852 numha série de artigos no jornal New York Daily Tribune com a assinatura de Marx, que queria inicialmente redigir essa obra ele próprio, mas, estando ocupado nas pesquisas económicas, passou o trabalho dos artigos a Engels. Durante a elaboraçom desta obra, Engels aconselhava-se constantemente com Marx e dava-lhe a conhecer os artigos antes de enviá-los à imprensa. Só em 1913, devido à publicaçom da correspondência entre Marx e Engels, se tornou conhecido que revoluçom e contrarrevoluçom na Alemanha foi escrita por Engels.

[N280] Esta tese foi desenvolvida mais de umha vez por F. Engels em várias das suas obras, nomeadamente na obra Anti-Dühring.

[N281] Em dezembro de 1905 algumas cidades letãs foram ocupadas por destacamentos de operários, assalariados agrícolas e camponeses sublevados. Começou umha guerra de guerrilhas contra as tropas tsaristas. Em janeiro de 1906, as insurreiçõs na Letónia foram esmagadas por expediçõs punitivas.

[N282] Trata-se dos motins na fortaleza de Sveaborg e em Cronstadt, em julho de 1906.

ateneuproletario.wordpress.com

ateneuproletariogalego@gmail.com

LIBERDADE PRESOS INDEPENDENTISTAS !

Ateneu Proletário Galego 

A guerra de guerrilhas / Liçons de Moscovo

LIBERDADE PRESOS INDEPENDENTISTAS !
